

A teleologia aristotélica e a quinta via de Tomás de Aquino

Aristotelian teleology and Thomas Aquinas's Fifth Way

Renan Eduardo Stoll

Universidade Federal do Rio de Janeiro
(UFRJ) | Rio de Janeiro | RJ | BR
renanestoll@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-9995-3228>

Resumo: Este artigo examina alguns dos aspectos da teleologia de Aristóteles que podem ter influenciado Tomás de Aquino em sua quinta via para demonstrar a existência de Deus. A discussão tem como foco, sobretudo, os textos de *Física* II 8 e *Metafísica* Λ, o comentário de Tomás de Aquino a esses textos aristotélicos, bem como parte da literatura recente sobre o assunto. Considera-se, também, que o modo como Tomás interpretou a teleologia aristotélica tende, por vezes, e em determinado contexto, à concepção de uma teleologia extrínseca. Além disso, o artigo destaca elementos do comentário de Tomás que parecem remeter ao texto da quinta via.

Palavras-chave: Aristóteles; Tomás de Aquino; teleologia; causa final.

Abstract: This article examines aspects of Aristotle's teleology that may have influenced Thomas Aquinas's in his Fifth Way to demonstrate the existence of God. The discussion focuses primarily on *Physics* II.8 and *Metaphysics* Λ, along with Aquinas's commentary on these Aristotelian texts, and on part of the recent literature on the subject. It is also considered that Aquinas's interpretation of Aristotelian teleology, at times and in certain contexts, tends toward a conception of an extrinsic teleology. In addition, the article highlights elements in Aquinas's commentary that appear to echo the text of the Fifth Way.

Keywords: Aristotle; Thomas Aquinas; teleology; final cause.

1 Introdução

O objetivo deste texto é apresentar aspectos da teleologia aristotélica que podem ter influenciado Tomás de Aquino em sua quinta via para demonstrar a existência de Deus. Na obra *Suma Teológica*, Tomás apresenta cinco vias para a existência de Deus, sendo a quinta delas assim formulada:

A quinta via é tomada do governo das coisas. Com efeito, vemos que algumas coisas que carecem de conhecimento, como os corpos físicos, agem em vista de um fim, o que se manifesta pelo fato de que, sempre ou na maioria das vezes, agem da mesma maneira, a fim de alcançarem o que é ótimo. Fica claro que não é por acaso, mas em virtude de uma intenção, que alcançam o fim. Ora, aquilo que não tem conhecimento não tende a um fim, a não ser dirigido por algo que conhece e que é inteligente, como a flecha pelo arqueiro. Logo, existe algo inteligente pelo qual todas as coisas naturais são ordenadas ao fim, e a isso nós chamamos Deus¹ (S.T. I, q. 2, a. 3).

Uma das características nesse argumento de Tomás é a linguagem da causalidade final ou abordagem teleológica. Embora o texto da quinta via – assim como os textos das outras quatro vias – expresse o pensamento original de Tomás (cf. Owens, 1974, especialmente p. 20, 22, 28, 34; Keer, 2018), é aceito que o argumento utilizado encontra inspiração em outros autores.² Nesse sentido, cabe destacar, sobretudo, a possível influência aristotélica para a quinta via de Tomás. Davies (2014, p. 48), por exemplo, considera que Tomás seguiu Aristóteles ao reconhecer quatro tipos de causa – a eficiente, a formal, a material e a final –, sendo a causalidade final o foco da quinta via.³ Além disso, Feser (2013, p. 708, tradução própria) afirma que “a explicação da teleologia natural da quinta via constitui uma posição intermediária entre o que poderíamos chamar de teleologia radicalmente imanente

¹ Tradução organizada por Pe. Gabriel C. Galache e Pe. Fidel García Rodríguez.

² Owens (1974, p. 28), por exemplo, observa que o argumento da quinta via é atribuído tanto a João Damasceno quanto a Averróis. No caso de João Damasceno, “[...] the force of the argument lay in the requirement of an omnipotent power to hold together the jarring components of the universe and perpetually keep them from dissolution, while in Averroës the argument was insinuated by the metaphysician’s need for the principle of finality to prove God’s solicitude for the things of this world”. Cabe também observar que Owens, assim como Keer (2018), remete ao argumento presente no capítulo 13 do primeiro livro da obra *Suma contra os Gentios*.

³ A adoção que Tomás faz das quatro causas aristotélicas é também observada por Kerr (2018, p. 459).

de Aristóteles e a teleologia radicalmente extrínseca de Paley”.⁴ Feser (2013, p. 707) também destaca o espírito aristotélico da quinta via e o fato de ela proceder de premissas que são aristotélicas – ainda que tais premissas sejam levadas a uma direção teológica que não seja seguida por Aristóteles.

Não pretendo, aqui, oferecer uma interpretação da quinta via, nem explorarei sua relação com outros argumentos teleológicos presentes em outras obras de Tomás de Aquino.⁵ Também não desejo tomar partido na discussão sobre se a quinta via deve ser considerada sob a perspectiva de uma teleologia imanente ou de uma teleologia extrínseca.⁶ Destacarei, no entanto, aspectos do comentário de Tomás de Aquino a textos de Aristóteles que podem sugerir que Tomás tivesse lido o texto aristotélico, por vezes, sob o prisma de uma finalidade ou teleologia extrínseca. Além disso, buscarei ressaltar elementos dos comentários de Tomás que remetem à – ou ecoam na – quinta via.

Para isso, dividi o presente texto do seguinte modo: na próxima seção, considero como a teleologia aristotélica tem sido interpretada pela literatura recente a partir do contexto de *Física* II 8. Após uma breve exposição das principais linhas interpretativas, destaco aspectos do comentário de Tomás ao texto de *Física* II 8 que nos remetem à quinta via. Na terceira seção, apresento como a interpretação tradicional concebe o primeiro motor imóvel ou deus aristotélico como uma causa final – interpretação que também está presente no comentário de Tomás ao texto da *Metafísica*. Esse passo é importante para a compreensão de alguns elementos desenvolvidos na quarta seção deste artigo, na qual considero como se costuma conceber, em *Metafísica* Λ 10, a coordenação de todas as coisas, e como Tomás, em seu comentário, viu no texto aristotélico aspectos que não parecem estar de acordo com o que Aristóteles desejou expressar, mas que diretamente ressoam na quinta via. Por fim, na seção cinco, apresento algumas conclusões.

⁴ “The Fifth Way’s account of natural teleology constitutes a middle position between what we might call the radically immanent teleology of Aristotle and the radically extrinsic teleology of Paley”.

⁵ Para uma exposição e análise desses argumentos, cf. Ribeiro (2017).

⁶ Um panorama a esse respeito, bem como as dificuldades enfrentadas por cada interpretação, pode ser encontrado em Johnson (2023). Para uma leitura que visa mostrar que Tomás tivesse resistido a um dualismo de finalidade imanente ou extrínseca, sobretudo no que diz respeito à causalidade divina, cf. Oliver (2013).

2 A teleologia no contexto de *Física II* 8

Um texto fundamental para a interpretação da teleologia aristotélica pode ser encontrado em *Física II* 8. Nesse texto, Aristóteles argumenta que a natureza é uma causa que é em vista de algo. Na literatura recente, o trecho mais citado corresponde à passagem 198b16-199a8. Embora seja longa, vale reproduzir a passagem em sua totalidade:

Comporta dificuldade saber o que impediria a natureza de produzir não em vista de algo, nem porque é melhor, mas do modo como chove, não a fim de que o trigo cresça, mas por necessidade: de fato, é preciso que se resfrie aquilo que foi levado para cima, e é preciso que aquilo que se resfriou, tendo-se tornado água, volte; mas crescer o trigo, quando isso ocorre, sucede por acidente; semelhantemente, se o trigo de alguém perece na eira, não é em vista disso que chove, para que pereça, mas isso sucede por acidente. Por conseguinte, o que impediria que também as partes na natureza se comportassem desse modo – por exemplo, que, por necessidade, os dentes dianteiros se perfaçam agudos, adaptados para dividir, e os molares se perfaçam largos e úteis para aplinar o alimento, uma vez que não teriam vindo a ser em vista disso, mas antes assim teria coincido? Semelhantemente, também para as demais partes, em todas nas quais se julga encontrar o *em vista de algo*. Assim, no domínio em que absolutamente tudo tivesse sucedido por acidente como se tivesse vindo a ser em vista de algo, as coisas ter-se-iam conservado na medida em que se teriam constituído de maneira apropriada por espontaneidade, mas teriam perecido e pereceriam todas as coisas que não teriam vindo a ser desse modo, como Empédocles menciona os bovinos de face humana.

Assim, o argumento com o qual alguém poderia propor dificuldades é esse, e qualquer outro que houver desse tipo. No entanto, é impossível que seja desse modo. Tais coisas, isto é, todas as que são por natureza, ou sempre ou no mais das vezes vêm a ser de tal maneira, mas, entre as coisas que são por acaso ou pelo espontâneo, nenhuma vem a ser assim. De fato, não se julga que é por acaso ou coincidência que chove muitas vezes no inverno, mas sim se chove durante a canícula; tampouco se julga que o calor durante a canícula é por acaso ou coincidência, mas sim se for no inverno. Ora, dado que se julga que tais coisas são ou por coincidência ou em vista de algo, se não é possível que elas sejam nem por coincidência nem pelo espontâneo, resta que elas são em vista de algo. Pois bem: todas as coisas desse tipo são por natureza, como diriam até mesmo os que afirmam aquelas teses. Portanto, o *em vista de algo* está presente nas

coisas que são e vêm a ser por natureza (*Física* II 8, 198b16-199a8, tradução de Lucas Angioni, com modificações).

De modo geral, há divergência entre intérpretes sobre a maneira mais adequada de entendermos a concepção aristotélica de teleologia. O exemplo da chuva, no texto anteriormente citado, é emblemático, pois há discordância a respeito de como devemos compreender o caso da chuva no contexto da teleologia. Uma possibilidade seria concebermos a chuva como um processo não teleológico; ou seja, Aristóteles estaria dizendo que a chuva não ocorre em vista de um fim, mas que ela seria um processo que se dá simplesmente por necessidade. Nessa linha interpretativa, portanto, a chuva não seria em vista de nada, e o crescimento do trigo ou dos grãos seria algo que acontece acidentalmente. Scharle (2008) classificou essa interpretação como “A interpretação não teleológica da chuva” (*The Non-Teleological Rain Interpretation*), que encontra defensores como Ross (1936)⁷, Gotthelf (1987), Nussbaum (1978)⁸, Balme (1987), Charlton (1992)⁹ e Johnson (2005). Para Scharle, no entanto, Furley (1985) já teria mostrado que essa interpretação deve ser rejeitada.¹⁰

Outro modo de interpretar o texto aristotélico é sustentar uma finalidade extrínseca para o processo da chuva. Nessa leitura, diríamos que chove em vista do crescimento do trigo ou dos grãos. Essa linha interpretativa foi classificada por Scharle (2008) como “A interpretação do crescimento do trigo” (*The Corn Growth Interpretation*), sendo defendida por autores como Cooper (1982), Furley (1985), Code (1997) e Sedley (1991). Tal interpretação, na medida em que concebe a finalidade de algo como lhe sendo extrínseca, possibilita a defesa de uma teleologia mais ampla – em última análise, uma teleologia cósmica. A leitura de Sedley, sobretudo, é uma das mais representativas nesta direção, pois sua interpretação concebe que todas as coisas do mundo natural estariam teleologicamente ordenadas de modo a contribuir para o bem geral do ser humano e do universo.

Propostas como a de Sedley, no entanto, precisam recorrer a outros textos da obra aristotélica a fim de sustentar uma teleologia extrínseca. Nesse sentido, dois textos são fundamentais, a saber, o texto de *Política* I 8 (1256b15-22) e o de *Metafísica* Λ 10 (1075a11-25). Considerarei o texto de *Metafísica* Λ 10 na quarta

⁷ Trata-se do texto da *Física* de Aristóteles, editado e comentado por Ross.

⁸ Trata-se do texto *De Motu Animalium*, de Aristóteles, com tradução, comentário e ensaios de Nussbaum.

⁹ Trata-se do texto *Physics: Books I and II*, de Aristóteles, traduzido e comentado por Charlton.

¹⁰ As razões para isso podem ser encontradas em Scharle (2008, p. 149-150).

seção deste artigo. No momento, farei breves observações sobre o texto da *Política*, no qual Aristóteles afirma o que segue:

Portanto, é claro que, do mesmo modo, devemos pensar que também nas coisas que vieram a ser, plantas existem em vista dos animais, e que os outros animais existem em vista dos seres humanos – os domesticados, tanto para sua utilidade quanto para alimentação, e dos animais selvagens, se não todos, pelo menos a maioria, para alimentação e outros auxílios –, de modo que deles se possa obter roupas e outras ferramentas. Se, portanto, a natureza não faz nada incompleto ou em vão, é necessário que a natureza tenha feito todas essas coisas em vista dos seres humanos¹¹ (*Política* I 8, 1256b15-22, tradução própria).

À primeira vista, a passagem em questão sugere fortemente que a finalidade de coisas como animais e plantas reside fora delas, e que elas são, em última análise, em vista do ser humano. Tal leitura, obviamente, favorece interpretações como a de Sedley, que vê o ser humano, na perspectiva aristotélica, como o beneficiário da cadeia alimentar. Assim entendido, o texto de Aristóteles abre caminho para uma teleologia antropocêntrica.

Cabe destacar, no entanto, que o texto de *Política* I 8 pode ser entendido de outro modo. Judson (2005) afirma que devemos entender a posição aristotélica do ponto de vista dos estadistas e dos administradores domésticos; isto é, o “em vista de” deve ser tomado da perspectiva de que cabe a estadistas e administradores domésticos prover certos recursos para a vida humana. Nesse contexto, certas fontes de alimentos ou de materiais de construção poderiam ser concebidas como sendo em vista da alimentação ou do abrigo humano. Isso não indicaria, contudo, que de um ponto de vista biológico – ou até mesmo da filosofia primeira – plantas e animais sejam em vista dos seres humanos, mas apenas que tais coisas sejam vistas desse modo quando consideradas do ponto de vista humano.¹² O que pode favorecer essa interpretação, creio, é uma passagem de *Física* II 2 (194a34-35,

¹¹ “Hence it is clear that in the same way we should think that, in things which have come to be too, plants exist for the sake of animals, and that the other animals exist for the sake of human beings—domesticated ones both for their usefulness and for food, and of wild animals, if not all, most, at any rate, for food and other help—so that there might be clothing and other tools from them. If, then, nature makes nothing either incomplete or pointless, it is necessary that nature has made all of these things for the sake of human beings”. A tradução inglesa é de Judson (2005).

¹² Outras razões para que se rejeite a leitura de Sedley a partir do texto de *Política* I 8 podem ser encontradas em Judson (2005).

tradução de Lucas Angioni), na qual Aristóteles afirma que “[...] utilizamos todas as coisas como se estivessem disponíveis em vista de nós”.

A teleologia aristotélica tem sido concebida, ainda, sob uma perspectiva que poderíamos caracterizar como biológica. Henry (2015) intitula essa linha interpretativa como “visão centrada no organismo” (*organism-centred view*), na qual o organismo individual é tratado como fim último; ou seja, é em vista do próprio organismo individual que todas as suas características existem, e toda a causação final é entendida sob o prisma do organismo em questão. Essa leitura encontra fundamento na posição aristotélica de que a natureza age de acordo com o que é melhor; e, no âmbito do organismo individual, o que está em jogo é sua própria sobrevivência e bem-estar. Isso também seria confirmado pelas obras biológicas de Aristóteles, nas quais é considerado que as características dos indivíduos são tais não por elas de algum modo contribuírem para o bem do universo, mas, em vez disso, por elas serem boas para o próprio indivíduo. Dentre os defensores dessa leitura, destacam-se Balme (1972)¹³, Lennox (2001a¹⁴; 2001b), Bodnár (2005), Judson (2005), Leunissen (2010) e Gotthelf (2012).

Com esse breve panorama em mente, consideremos, agora, os aspectos mais significativos do comentário de Tomás de Aquino ao texto de *Física* II 8. Para Tomás, no trecho 198b16-32 do capítulo em questão, Aristóteles estaria apresentando o argumento daqueles que defendem que a natureza não age em vista de algo. A partir de 198b34, no entanto, Aristóteles refutaria essa posição através de cinco argumentos, cuja divisão correspondente é a seguinte:

- A. primeiro argumento: 198b34-199a8;
- B. segundo argumento: 199a8-15;
- C. terceiro argumento: 199a15-20;¹⁵
- D. quarto argumento: 199a20-30;
- E. quinto argumento: 199a30-32.

Dado o objetivo e escopo deste texto, não pretendo discutir ou apresentar cada um dos argumentos identificados por Tomás. Destaco, porém, que a divisão do texto e a identificação de cinco argumentos para a refutação da posição

¹³ Trata-se do texto *De Partibus Animalium I and De Generatione Animalium I*, de Aristóteles, traduzido e comentado por Balme.

¹⁴ Trata-se do texto *On the Parts of Animals I-IV*, de Aristóteles, traduzido e comentado por Lennox.

¹⁵ Esse argumento, no entanto, visaria complementar e clarificar o argumento anterior.

adversária, bem como a importância dada por Tomás a todos os argumentos identificados, poderia contribuir para interpretações que, no geral, tendem a manter o foco no trecho em que Aristóteles apresenta a dificuldade (198b16-32) – ou seja, a posição adversária – e no primeiro argumento aristotélico para refutar tal dificuldade (198b34-199a8).

É no trecho que corresponde ao argumento dos possíveis adversários aristotélicos que encontramos o exemplo da chuva. Para Tomás, esse exemplo teria sido mal escolhido pelos opositores de Aristóteles. Tomás considera que, ainda que a chuva não tenha uma causa necessária relacionada à matéria, ela é ordenada a um fim, e este fim seria a conservação das coisas passíveis de geração e corrupção. Assim, o propósito da geração e corrupção nas coisas inferiores – isto é, coisas corruptíveis ou perecíveis – seria a preservação de sua existência perpétua. Tomás ainda afirma que o crescimento e a conservação das coisas ocorrem, na maior parte dos casos, por causa da chuva, ao passo que a chuva apenas em poucos casos é causa da corrupção das coisas, de modo que, “[...] embora a chuva não seja em vista de sua destruição, não se segue que ela não seja em vista de sua preservação e crescimento”¹⁶ (Comentário da *Física*, L. II, lição 12, § 254, tradução própria).

Creio que o comentário de Tomás, nesse ponto, possua dois indícios que abrem caminho para uma teleologia extrínseca em sua interpretação do texto aristotélico. O primeiro deles diz respeito à consideração de que a chuva é ordenada a um fim que corresponde à conservação das coisas corruptíveis. Tomás tem em mente as coisas do mundo sublunar que passam pelo processo de geração e corrupção, mas que visam manter perpetuamente a existência de suas espécies. Como veremos nas seções seguintes, esse pensamento está em consonância com interpretações que concebem uma causalidade final entre as coisas do mundo sublunar e o deus aristotélico – o primeiro motor imóvel.

O segundo indício, por sua vez, corresponde à afirmação presente no trecho citado, que considera que, ainda que não chova para a destruição das coisas corruptíveis, disso não se segue que não chova para a preservação e crescimento de tais coisas. O trecho em questão pode não evidenciar a interpretação de uma teleologia extrínseca, mas, se considerarmos que aquilo que ocorre na maior parte dos casos é em vista de um fim, e que na maioria dos casos é por causa da

¹⁶ “[...] although rain is not for their destruction, it does not follow that it is not for their preservation and growth”. Neste artigo, todas as citações do Comentário da *Física* são da tradução inglesa de Richard J. Blackwell, Richard J. Spath e W. Edmund Thirlkel.

chuva que ocorrem a preservação e conservação das coisas, então o comentário de Tomás pode novamente favorecer uma teleologia de tal tipo.

O que torna explícita a influência da teleologia aristotélica para o pensamento de Tomás, no entanto, é uma passagem que encontramos logo ao início de seu comentário ao texto de *Física* II 8. Na lição 12, percebemos a afinidade da posição de Tomás quanto ao texto aristotélico e o texto da quinta via. Ao comentar o texto de Aristóteles, Tomás ressalta a importância das afirmações aristotélicas para o problema da providência:

Ele diz, portanto, em primeiro lugar, que é preciso observar que a natureza está entre o número de causas que agem em vista de algo. E isso é importante com referência ao problema da providência; pois as coisas que não conhecem o fim não tendem ao fim a não ser que sejam direcionadas por alguém que o conheça, como a flecha é direcionada pelo arqueiro. Por isso, se a natureza age em vista de um fim, é necessário que ela seja ordenada por alguém que é inteligente. Isso é obra da providência¹⁷ (Comentário da *Física*, L. II, lição 12, § 250, tradução própria).

É inevitável não relacionar o comentário de Tomás ao texto da quinta via. Não apenas o flagrante exemplo da flecha e do arqueiro, que se repete na quinta via, mas também as considerações sobre a necessidade de que algo inteligente direcione ao fim as coisas que não possuem conhecimento do fim, são as relações mais diretas entre o comentário ao texto da *Física* e o texto da quinta via. Embora Tomás, no comentário à *Física*, evite dar o passo dado na quinta via, que é identificar esse algo inteligente com Deus – o ordenador de todas as coisas naturais ao fim –, a menção à providência, em duas ocorrências, pode reforçar a afinidade dos textos.

Além do comentário de Tomás ao texto da *Física*, outro texto que diretamente nos remete à quinta via é o seu comentário ao texto da *Metafísica* de Aristóteles, sobretudo o comentário ao último capítulo do livro Λ (XII). Antes de passar ao ponto, no entanto, será preciso considerar, na seção seguinte, como a interpretação tradicional costuma atribuir ao primeiro motor imóvel uma causalidade de tipo final.

¹⁷ “He says, therefore, first that it must be pointed out that nature is among the number of causes which act for the sake of something. And this is important with reference to the problem of providence. For things which do not know the end do not tend toward the end unless they are directed by one who does know, as the arrow is directed by the archer. Hence if nature acts for an end, it is necessary that it be ordered by someone who is intelligent. This is the work of providence”.

3 O primeiro motor imóvel como causa final

Um dos textos fundamentais para quem procura defender uma causalidade de tipo final para o primeiro motor imóvel aristotélico é o livro Λ da *Metafísica*, especialmente o sétimo capítulo desse livro. Quando consideramos o comentário de Tomás de Aquino ao livro Λ , não parece haver dúvida de que ele concebeu o primeiro motor imóvel como causa final de todas as coisas (cf. comentário da *Metafísica*, L. XII, lição 12, § 2629).¹⁸ No entanto, embora os comentários de Tomás ao texto de *Metafísica* Λ 7 possam contribuir para o entendimento do texto aristotélico, não encontramos ali referências diretas sobre a concepção de uma teleologia intrínseca ou extrínseca, bem como sobre aspectos que revelem a afinidade do seu comentário ao texto de Aristóteles com o texto da quinta via. Além disso, devido ao fato de ter sido apenas a partir do século XX que se estabeleceu uma distinção mais precisa entre uma interpretação designada como “tradicional”, que concebe o primeiro motor imóvel como causa final, e interpretações que tentaram reagir a ela,¹⁹ apresentarei as principais características da interpretação tradicional seguindo de perto a posição de um dos seus defensores mais influentes, a saber, David Ross (1924a).

Salis (2009, p. 205-207) e Berti (2011a, p. 553-555) observam que seria possível rastrear a origem da interpretação tradicional em Teofrasto, discípulo direto de Aristóteles, mas que se deve sobretudo a Alexandre de Afrodísias a primeira formulação mais rigorosa dessa interpretação. Na obra *Quaestiones*, Alexandre teria defendido que o primeiro céu se move circularmente porque ele tem em vista tornar-se uniforme com o primeiro motor imóvel, de modo que esse movimento circular seria, para o céu, a melhor maneira possível de imitar a imobilidade do primeiro motor imóvel (cf. também Berti, 2011a, p. 538). A interpretação de Alexandre teria sido a mais influente até o século XIX, quando Schwegler e Zeller propuseram que a relação entre o primeiro motor imóvel e o mundo seria da mesma ordem da relação entre matéria e forma, na qual o primeiro motor imóvel moveria todas as outras coisas do mesmo modo que a forma move a matéria. Essa concepção, ressalta Salis, ainda caracterizaria uma causalidade de tipo final. A autora destaca, porém, a posição de Ross (1924a) como a mais moderada,

¹⁸ Além de uma causalidade final, Tomás de Aquino atribui ao primeiro motor imóvel aristotélico uma causalidade eficiente. Sobre esse ponto, cf. Storck (2006).

¹⁹ Um panorama sobre as diferentes interpretações pode ser encontrado em Berti (2011b) e em Ross (2016).

sobretudo por não contrapor a causalidade eficiente à causalidade final, mas sim que esta seja um tipo daquela, de modo que o primeiro motor imóvel seria causa eficiente por ser uma causa final.

Berti (2011b, p. 586-587) considera que se deve a Ross a melhor formulação da interpretação tradicional. Essa interpretação foi desenvolvida por Ross de modo claro e exaustivo, tendo sido também decisiva para os estudos que se seguiram. Ross (1924a, p. cxxx-cliv) dedica, de fato, uma seção inteira de sua introdução à edição do texto da *Metafísica* ao estudo do que ele chama de “A teologia de Aristóteles” (*Aristotle’s theology*). Passemos a considerar, portanto, em que consiste a interpretação tradicional.

Ross (1924a, p. cxxxiii) observa que o próprio Aristóteles reconhece (cf. *Física* III 2, 202a3-7) que uma relação causal física de movimento entre aquele que move e aquele que é movido implica contato mútuo entre as partes, de modo que haveria uma reação do último sobre o primeiro. Isso poderia gerar certa dificuldade na compreensão sobre como o primeiro motor imóvel pode causar movimento sem que ele seja movido. Essa dificuldade, no entanto, não viria ao caso, pois o primeiro motor imóvel aristotélico causa movimento sendo um objeto de desejo e, portanto, seu modo de causar movimento não seria físico. Nessa concepção, a relação de contato entre o primeiro motor imóvel e aquilo que ele move deve ser entendida em sentido metafórico, de modo que o primeiro motor imóvel “tocaria” aquilo que ele move sem que seja “tocado” por aquilo que é movido.²⁰

Ainda que essas considerações sugiram uma causalidade de tipo final para o primeiro motor imóvel, Ross comenta que há controvérsia sobre se deus, para Aristóteles, seria unicamente uma causa final ou se poderia ser também concebido como uma causa eficiente, mas que a oposição entre esses tipos de causalidade não é adequada. Com efeito, a expressão “causa eficiente” é a tradução para a expressão grega “ἀρχὴ τῆς κινήσεως”, da qual a causalidade final (οὐ ἔνεκα) seria um tipo. Ademais, Ross afirma que não pode haver dúvida de que o primeiro motor imóvel seja princípio de movimento (ἀρχὴ τῆς κινήσεως). A questão é saber como opera esse princípio de movimento.

A partir disso, Ross (1924a, p. cxxxiv, tradução própria) menciona as seguintes alternativas para a causa do movimento: ela pode ser “(1) um fim visado, ou (2) uma força operando *a tergo*, que pode ser (a) uma força física ou (b) uma força

²⁰ Aristóteles usa a mesma linguagem em *De generatione et corruptione* I 6 (323a25-33), onde oferece como exemplo o fato de que às vezes dizemos que uma pessoa que nos magoa nos toca, sem que nós a toquemos.

mental, um ato de vontade”²¹. De acordo com o autor, Aristóteles estaria dizendo que a causalidade do primeiro motor imóvel (ou deus) não seria do tipo 2(a) nem do tipo 2(b). A primeira razão para isso diz respeito ao fato de que a descrição de deus causando movimento como um objeto de desejo descartaria que a causalidade fosse, por exemplo, do tipo 2(b). Do mesmo modo, deus não poderia ser concebido como certo ideal imaginado e antecipado, como um fim futuro, pois sua existência é eterna.

Além disso, em *Metafísica* Λ 7 (1072a25-27), o objeto de desejo é identificado com o objeto de conhecimento, de modo que esse objeto de conhecimento também seria algo que move sem ser ele próprio movido. Ross considera, no entanto, que o ponto não deve ser entendido no sentido de que esse objeto de conhecimento, enquanto tal, seja o causador do movimento no espaço, mas que Aristóteles tem em mente as colunas de termos positivos e negativos, nas quais a totalidade das coisas existentes poderiam ser arranjadas (cf. *Metaph.* Λ 7, 1072a30-b1).

O termo “coluna” traduz “συστοιχία”, cujo uso em Aristóteles pode ser enganador. Em seus comentários à *Metafísica*, Ross observa (cf. Ross, 1924a, p. 150; 1924b, p. 376) que o uso original do termo “συστοιχία” dizia respeito a uma linha de soldados ou a cantores de um coro, mas que teria passado a designar uma linha ou lista de termos cognatos. Além de usar essa noção para fazer referência à doutrina pitagórica (cf. *Metaph.* N 6, 1093b12), o próprio Aristóteles faz uso dela. Seria possível encontrar seu uso recorrente em casos como *Física* III 2 (201b25), *Metafísica* A 5 (986a23), Γ 2 (1004b27), K 9 (1066a15), Λ 7 (1072a31), *De generatione et corruptione* I 3 (319a15), *De sensu et sensibilibus* 7 (447b30; 448a16), *De partibus animalium* III 7 (670b21). Além disso, seria possível constatar um uso diferente dessa noção em *Metafísica* Iota 3 (1054b35) e Iota 8 (1058a13). O ponto fundamental no uso aristotélico da noção é que a coluna dos termos positivos diz respeito a coisas como ser, unidade e substância, enquanto a lista dos termos negativos inclui coisas como não-ser, pluralidade e não-substância, de modo que “[...] o negativo é conhecido não *per se*, mas como a negação do termo positivo”²² (Ross, 1924b, p. 376, tradução própria).

Laks (2000) argumenta na mesma direção de Ross para explicar o ponto, mas usa o termo “série” para fazer referência à lista de termos negativos e positivos. Laks também observa que as diversas alusões a essa série dupla de termos na obra

²¹ “(1) an end aimed at, or (2) a force operating a *tergo*, which may be (a) a physical force, or (b) a mental force, an act of will”.

²² “[...] the negative is known not *per se* but as the negation of the positive term”.

aristotélica indicam que ela fosse familiar a seus ouvintes e leitores, bem como que seu uso, seja para fazer referência à doutrina pitagórica ou para expressar uma visão pessoal, seria originário de uma parte da taxonomia usada na Academia. De acordo com o autor,

É uma maneira de arranjar um conjunto de pares de contrários (praticamente todos os contrários) sob um primeiro par de contrários de tal maneira que cada par de termos parece constituir uma especificação de uma forma particular do contraste representado pelo primeiro par de termos. A classificação, assim, assume a forma de duas séries de termos com cada termo em uma série tendo uma contraparte única em um termo na outra série. O primeiro par em si pode ser especificado de várias maneiras (ser/não-ser; um/múltiplo, forma/privação), mas a forma mais geral desse contraste original é aquele de algo positivo com sua contraparte negativa. É por isso que Aristóteles, na passagem de *Metafísica* N, pode chamar de série do “belo” a série “positiva”. Não é o caso apenas que essa série compreende o belo como um de seus termos (o que tem de fazer de qualquer maneira), mas também, e mais importante, é o caso que os termos arranjados sob o belo são eles próprios termos “belos”, termos que constituem uma série “bela”, em contraste com a outra série que reúne os termos “negativos”²³ (Laks, 2000, p. 225, tradução própria).

Laks destaca, ainda, que é apenas em *Metafísica* Λ 7 que as séries de termos opostos são consideradas a partir do aspecto da inteligibilidade, o que evidenciaria certa perspectiva platônica na posição de Aristóteles.²⁴ A série de termos positivos seria a única inteligível em si, de modo que a série negativa seria inteligível apenas em relação à positiva. No entanto, isso deve ser entendido muito

²³ “It is a matter of arranging a set of pairs of contraries (virtually all contraries) under a first pair of contraries in such a way that each pair of terms seems to constitute a specification of a particular form of the contrast represented by the first pair of terms. The classification thus takes the form of two series of terms with each term in one series having a unique counterpart in a term in the other series. The first couple itself can be specified in various ways (being/non-being; one/manifold, form/privation), but the most general form of this original contrast is that of something positive with its negative counterpart. This is why Aristotle in the passage in *Metaphysics* N can call the ‘positive’ series the series of the ‘beautiful’. It is not just that this series comprises the beautiful as one of its terms (which it has to do in any case), but it also, and more importantly, is the case that the terms arranged under the beautiful are themselves ‘beautiful’ terms, terms constituting a ‘beautiful’ series, in contrast to the other series which collects the ‘negative’ terms”.

²⁴ Laks (2000, p. 225, n. 49) observa a referência platônica sobre o ponto: *República* V, 476a1-6.

mais no sentido de que os termos que constituem a série sejam inteligíveis, não no sentido de que a série como um todo seja em si inteligível.

Pois bem, dentre os termos que constituem a lista positiva, Aristóteles afirma que a substância é o item primeiro; e, no âmbito da substância, é primeira aquela que é simples (ἀπλῆ) e em atualidade (κατ' ἐνέργειαν) (cf. *Metaph.* Λ 7, 1072a31-32). Ross (1924a) considera que aquilo que é primeiro no âmbito da substância seja a substância não composta, maximamente real e causa primeira do movimento – isto é, o primeiro motor imóvel. Essa substância primeira conteria em si algumas características fundamentais: ela é o primeiro objeto de conhecimento, a coisa mais inteligível e mais desejável. O movimento de todo o universo seria decorrente do desejo pelo conhecimento dessa substância primeira; isso indicaria que é a mente que é movida pelo objeto de conhecimento, de modo que ela seria movida não por uma ação física, mas pelo pensamento. Essas observações de Ross parecem ter o objetivo de descartar, assim, que a causalidade do primeiro motor imóvel seja do tipo 2(a), ou seja, que a causa do movimento possa ser caracterizada como uma força física.²⁵

O primeiro motor imóvel aristotélico causaria movimento, portanto, como um fim visado – isto é, de acordo com a primeira possibilidade mencionada por Ross como causa do movimento (cf. Ross, 1924a, p. cxxxiv). Esse tipo de causalidade parece pressupor, porém, que aquelas coisas que são em vista do primeiro motor imóvel sejam dotadas de alma – no intuito de que ele seja concebido como um fim visado, como um objeto de desejo e amor. O primeiro céu, que é a esfera celeste mais externa no esquema aristotélico, deve, com isso, ser algo animado, visto que ele é a primeira coisa movida pelo primeiro motor imóvel. De fato, Ross (1924a, p. cxxxv) constata que não apenas o primeiro céu, mas também os planetas, o sol e a lua são concebidos, na visão aristotélica, como possuindo uma alma (cf. *Cael.* II 2, 285a29; II 12, 292a20; 292b1). Além disso, Aristóteles considera que todas as coisas, de certo modo, estão repletas de alma (cf. *GA* III 11, 762a21).

O esquema causal das esferas celestes parece funcionar de tal modo que a esfera exterior transmite movimento para a esfera que lhe é interior, e assim sucessivamente. Desse modo, o primeiro motor imóvel, movendo a esfera mais externa, causaria diretamente o movimento dela, mas indiretamente o movimento de todas as outras esferas. Toda essa sucessão causal seria responsável, de algum modo, pelo movimento e pela mudança sublunar, que inclui a mudança em relação

²⁵ Berti (2011b, p. 587) observa que a possibilidade 2(a) é excluída devido à natureza imaterial do primeiro motor imóvel.

à posição, à qualidade, ao tamanho etc. A cadeia causal tem origem, em última análise, com o primeiro motor imóvel, que põe em movimento as esferas, que por sua vez são responsáveis pelo movimento dos corpos celestes. Dentre os corpos celestes, o sol parece exercer um papel fundamental na mudança sublunar: além de ditar o ritmo dos dias e das noites, ele é crucial para o processo de geração e corrupção. Como podemos ler em *De generatione et corruptione* II 10 (336a15-b24), o movimento do sol ao longo da eclíptica é responsável pelo vir a ser ininterrupto do mundo sublunar, causando geração quando ele está próximo de um local em particular, bem como corrupção ou decaimento à medida que ele se afasta. Isso ocorre porque a aproximação do sol produz calor, ao passo que seu afastamento produz frio, o que causa uma transmutação contínua dos elementos através da mudança contínua de temperatura, sem a qual “[...] os elementos mover-se-iam de uma vez por todas para suas regiões próprias e lá permaneceriam”²⁶ (Ross, 1924a, p. cxxxix, tradução própria).

A partir dessas considerações, notamos que é tarefa da interpretação tradicional explicar de que modo todas as coisas são em vista do primeiro motor imóvel. Dado que Aristóteles reconhece que as esferas celestes, bem como os astros e, em certo sentido, todas as coisas possuem alma, os movimentos de todas elas seriam em vista do primeiro motor imóvel. De que modo, porém, isso ocorre? Para responder a isso brevemente, cabe observar que Aristóteles, em *Metafísica* Λ 7, usa termos como “desejo” e “amor” para explicar que é sendo um objeto de desejo e de amor que o primeiro motor imóvel produz movimento. Para a leitura tradicional, em geral, essa linguagem não estaria sendo usada em sentido metafórico, e estaria sugerindo que coisas como as esferas celestes são capazes de desejar e de amar o deus aristotélico, bem como que todas as coisas que são animadas têm em vista realizar a imutabilidade e a perfeição do primeiro motor imóvel (cf. Ross, 1924a, p. cxxxvii).

Uma passagem de *De anima* II 4 costuma ser citada para corroborar essa interpretação:

Pois a mais natural entre as funções que pertencem aos seres vivos, pelo menos aqueles que são completos e não deformados nem gerados espontaneamente, é esta: produzir outro semelhante a si mesmo, um animal produzir um animal e, uma planta, uma planta, de modo que possa, na medida em que for capaz, participar do eterno e do divino. Pois isso é o que todas as coisas desejam, e em vista disso fazem o que

²⁶ “[...] the elements would once for all move to their proper regions and remain there”.

fazem de acordo com a natureza. [...] Portanto, visto que essas coisas são incapazes de participar do eterno e do divino existindo continuamente (pois entre as coisas perecíveis nada pode permanecer o mesmo e um em número), cada uma participa na medida em que é capaz de tomar parte nisso, algumas mais, outras menos, e permanece não ela mesma, mas tal como é, não uma em número, mas uma em forma²⁷ (*De anima* II 4, 415a26-b7, tradução própria).

Em suma, todas as coisas animadas desejam participar daquilo que é eterno e divino, e cada entidade faz isso da maneira que lhe é possível. Nessa perspectiva, é desse desejo de participação no eterno, que é realizado através da imitação da imutabilidade do primeiro motor imóvel, que resultariam os movimentos físicos. Cada coisa animada imita essa imutabilidade de uma maneira peculiar, de modo que as esferas celestes a imitam através do movimento circular – que, para Aristóteles, é perfeito (*Física* VIII 9, 265b1) –, ao passo que as coisas corruptíveis a imitam através da reprodução perpétua da espécie.

4 A coordenação de todas as coisas em *Metafísica* Λ 10

A interpretação que concebe o primeiro motor imóvel como causa final parece ecoar, ainda, ao final do livro Λ da *Metafísica*. No último capítulo do livro Λ, o capítulo 10, Aristóteles se propõe a considerar como o bem ou o melhor está presente na natureza do todo, mas também faz considerações importantes sobre a coordenação de todas as coisas. Após considerar que todas as coisas estão coordenadas de algum modo, e que não é o caso que elas não possuam relação umas com as outras, Aristóteles afirma que “todas as coisas estão coordenadas em relação a uma coisa”²⁸ (1075a18-19). Essa coordenação de todas as coisas em relação a uma tende a ser vista como a relação de imitação que todas as coisas realizam da atividade do primeiro motor imóvel, bem como estabelece o deus aristotélico como uma

²⁷ “For the most natural among the functions belonging to living things, at least those which are complete and neither deformed nor spontaneously generated, is this: to make another such as itself, an animal an animal and a plant a plant, so that it may, insofar as it is able, partake of the everlasting and the divine. For that is what everything desires, and for the sake of that everything does whatever it does in accordance with nature. [...] Since, then, these things are incapable of sharing in the everlasting and the divine by existing continuously (because among perishable things nothing can remain the same and one in number), each has a share insofar as it is able to partake in this, some more and some less, and remains not itself but such as it is, not one in number but one in form”. A tradução inglesa é de Shields (2016).

²⁸ πρὸς μὲν γὰρ ἓν ἅπαντα συντέτακται.

causa que leva os seres a atingirem a atualidade ao seu alcance. Essa perspectiva pode levar à interpretação segundo a qual Aristóteles estaria caracterizando o primeiro motor imóvel como uma causa final unificadora, além de apresentar, em $\Lambda 10$, um esboço de como ele teria concebido a unidade cósmica (cf. Sedley, 2000, p. 327). Assim, o texto de $\Lambda 10$ possui relevância para a teleologia aristotélica na medida em que pode favorecer uma estrutura teleológica unitária para o universo, de modo que os fins sejam em vista de – ou contribuam para – um bem ou fim abrangente.²⁹

Consideremos o que Aristóteles diz ao início de *Metafísica* $\Lambda 10$:

Devemos examinar de que modo a natureza do todo possui aquilo que é bom e melhor: como algo separado, isolado em si mesmo, ou como sua ordenação, ou de ambos os modos, como um exército. De fato, o bem deste está na ordenação e é o general, e, de preferência, é este último, pois não é ele que se dá devido à ordenação, mas esta é que se dá devido a ele. Todas as coisas estão coordenadas de algum modo, mas não do mesmo modo (peixes, pássaros e plantas). Não é verdade que elas comportam-se de tal modo que uma não tem nenhuma relação com a outra, mas, ao contrário, há relação, pois todas as coisas estão coordenadas em relação a uma coisa, mas como em uma casa os homens livres têm muito pouca permissão para fazer qualquer coisa ao acaso (pois, ao contrário, todas as coisas, ou a maioria delas, estão ordenadas), mas aos escravos e animais cabe muito pouco em relação ao que é comum, e o que predomina é fazer qualquer coisa ao acaso – de fato, a natureza de cada um deles é um princípio desse tipo. Quero dizer: necessariamente, todas as coisas dirigem-se ao menos para sua dissolução, e há outras coisas assim, das quais todas participam em relação ao todo (*Metafísica* $\Lambda 10$, 1075a11-25, tradução de Lucas Angioni, com modificações).

Não pretendo oferecer uma interpretação detalhada da passagem, mas alguns elementos presentes no texto podem ser destacados. Aristóteles começa por considerar como o bem ou o melhor está presente na natureza do todo. Três opções são inicialmente mencionadas: i) o bem é algo separado; ii) o bem reside na ordenação do todo; iii) o bem está na natureza do todo de ambas as maneiras, como em um exército. Aristóteles adota a terceira opção mencionada:³⁰ assim como em um exército, no qual o bem reside em sua ordenação, mas é sobretudo o general – visto que a ordem do exército depende do general, e não o contrário –,

²⁹ Cf. o texto *Metaphysics: Book A*, de Aristóteles, traduzido e comentado por Judson (2019, p. 335).

³⁰ Cf. o texto *Metaphysics: Book A*, de Aristóteles, traduzido e comentado por Judson (2019, p. 346).

também no universo o bem reside em algo que é primeiro em relação ao todo – e este algo primeiro é, presumivelmente, o primeiro motor imóvel.

Em seguida, Aristóteles faz considerações sobre a coordenação de todas as coisas: “Todas as coisas estão coordenadas de algum modo, mas não do mesmo modo (peixes, pássaros e plantas)” (1075a16). Essa frase parece ser retomada e amplificada um pouco adiante: “pois todas as coisas estão coordenadas em relação a uma coisa” (1075a18-19). Entre essas duas colocações, Aristóteles considera não ser o caso que não haja relação de umas coisas com as outras, mas que, ao contrário, há relação. É possível, no entanto, que o Estagirita não estivesse pensando na estrita relação de umas coisas com as outras, mas que a relação que ocorre entre todas as coisas seria estabelecida pelo fato de todas estarem coordenadas em relação a uma coisa.³¹

O próximo passo de Aristóteles é introduzir outra analogia – a da casa – para explicar essa coordenação. Para Judson (2019)³², a analogia da casa visa ilustrar a ideia de que todas as coisas estão em uma relação de coordenação por estarem relacionadas ao primeiro motor imóvel, de modo que essa relação possui um caráter distinto para distintas coisas. No exemplo aristotélico, os homens livres seriam análogos aos corpos celestes, ao passo que os escravos e os animais seriam análogos aos seres sublunares. O contraste entre os homens livres e os escravos e animais não diria respeito a até que ponto o que eles fazem contribui para o bem comum, mas sim o grau de participação desses seres na atividade conjunta da casa (cf. Judson, 2019, p. 349; Sedley, 2000, p. 332).

Segundo Sedley (2000), a analogia da casa significa que todas as coisas compartilhariam de uma única atividade que é dirigida a um objetivo, ainda que em diferentes graus. O objetivo em questão seria a imitação do primeiro motor imóvel. Judson (2019), no entanto, considera que “o que é comum” na analogia não diria respeito a uma única atividade, mas que poderia corresponder a um conjunto de atividades. Com efeito, seria difícil conceber como tal atividade se aplicaria no exemplo da casa, já que se espera que os objetivos e as atividades em uma casa constituam, mesmo em seus níveis mais altos, uma pluralidade.

³¹ Cf. o texto *Metaphysics: Book A*, de Aristóteles, traduzido e comentado por Judson (2019). Para uma interpretação que visa relacionar a expressão “em relação a uma coisa” (πρὸς ἓν) à relação πρὸς ἓν de *Metafísica Γ 2*, cf. o texto *Métaphysique: Livre Lambda*, de Aristóteles, traduzido e comentado por Baghdassarian (2019).

³² Cf. o texto *Metaphysics: Book A*, de Aristóteles, traduzido e comentado por Judson. Neste artigo, todas as demais menções a este autor e data referem-se ao mesmo texto.

O ponto central da analogia, para Judson, é o fato de as atividades dos membros que constituem a casa possuírem diferentes graus, de modo que esses graus são fixados por objetivos mais altos. Em uma casa bem administrada, por exemplo, os membros livres agiriam de maneiras determinadas em certas circunstâncias, diferentemente dos escravos, pois no caso destes haveria maior amplitude em relação a ações que de fato contribuem para os objetivos da casa.

Quando considerarmos o paralelismo com o caso do universo, a ideia aristotélica seria a de que todas as coisas estão coordenadas em relação a uma porque todas elas imitam a imutabilidade do primeiro motor imóvel. Aristóteles estaria então interessado em saber até que ponto seria possível identificar essa invariabilidade ou imutabilidade nas coisas (cf. Judson, 2019, p. 350). Isso é o que estaria representado pelo trecho: “Quero dizer: necessariamente, todas as coisas dirigem-se ao menos para sua dissolução” (1075a23-24). Embora Sedley (2000) veja nestas linhas da passagem uma referência à atividade incessante dos elementos, Judson considera que o que é fundamental é explicar a afirmação aristotélica de que “todas as coisas estão coordenadas de algum modo, mas não do mesmo modo” (1075a16), pois é esse o contraste que o exemplo da casa visa ilustrar. Tal contraste diria respeito à regularidade na invariabilidade das ações ou atividades relacionadas à imitação do primeiro motor imóvel; ou seja, na atividade de imitação do primeiro motor imóvel, seria possível verificar atividades invariavelmente regulares – as que são realizadas, por exemplo, pelos corpos celestes –, bem como atividades que não são invariavelmente regulares – as que são realizadas pelos seres sublunares. Não estaria evidente se os elementos estão incluídos, mas certamente estariam incluídos os animais e plantas mencionados em 1075a16-17.

Outro ponto relevante na passagem inicial de *Metafísica* Λ 10 diz respeito à afirmação aristotélica “de fato, a natureza de cada um deles é um princípio desse tipo” (1075a22-23: τοιαύτη γὰρ ἐκάστου ἀρχὴ αὐτῶν ἢ φύσις ἐστίν³³). No contexto da passagem, ela aparece logo após a analogia da casa, onde Aristóteles considerou que aos homens livres não cabe agir ao acaso, ao passo que escravos e animais fazem pouco em relação àquilo que é comum, agindo predominantemente ao acaso. A afirmação presente em 1075a22-23 pode ser interpretada de dois modos. Uma interpretação, sobretudo a de Sedley (cf., também, Horn, 2016), sugere a existência de uma única natureza de todo universo, uma natureza cósmica ou global – o que favorece uma teleologia de segunda ordem ou cósmica.

³³ Seguindo a edição de Ross (1924b).

Outro modo de interpretar a frase, no entanto, é através da concepção de uma natureza que atuaria separadamente em cada entidade natural.³⁴

Judson observa que a afirmação em questão não precisa ser lida da maneira como sugere Sedley, pois é comum que Aristóteles faça observações “coletivas” sobre a natureza, sem que isso implique uma natureza de ordem cósmica. Exemplos disso são as afirmações de que “a natureza não faz nada em vão”, bem como as afirmações das obras biológicas, como “a natureza inventa/faz/usa”. Um uso relevante seria o de *De generatione animalium* II 1, 731b31-32 (tradução própria, “pois, visto que a natureza de tal tipo não pode ser eterna [...]”³⁵), no qual Aristóteles quer dizer que “[...] a natureza de cada membro do tipo não pode ser eterna, e não que a natureza de tipo ‘global’ não pode ser”³⁶. Na passagem de *Metafísica* Λ 10 (1075a22-23), Aristóteles estaria apenas dizendo que “este é o tipo de princípio de cada um deles que a natureza – isto é, a natureza de cada um deles – é”³⁷ (Judson, 2019, p. 348-349, tradução própria).

No que diz respeito ao comentário de Tomás de Aquino ao texto de *Metafísica* Λ 10, duas coisas principais parecem ficar evidentes. A primeira delas é o fato de seu comentário reforçar a impressão de que Tomás interpretou o texto aristotélico como apresentando uma teleologia extrínseca; a segunda é a concepção de Deus como uma causa final do universo. É problemático, no entanto, afirmar que Tomás tenha sido fiel ao texto de Aristóteles. Steenberghen (1980), por exemplo, considera que a interpretação de Tomás é, por vezes, fiel ao que Aristóteles teria pretendido expressar, mas que em outros momentos Tomás teria excedido o pensamento de Aristóteles. Este seria o caso do comentário ao texto de Λ 10, que acabaria por destacar o papel providencial do primeiro motor imóvel.

É sobretudo no comentário de Tomás ao texto de Λ 10, porém, que encontramos ideias e elementos que remetem à quinta via (cf. Steenberghen, 1980, p. 272-273). De acordo com Tomás, no decorrer do livro Λ, Aristóteles teria estabelecido que o primeiro motor imóvel é uma inteligência e um objeto inteligível. A partir disso, o objetivo aristotélico em Λ 10 seria “[...] investigar como o primeiro motor

³⁴ Esta última interpretação, cabe destacar, tende a ser mais aceita entre os intérpretes (cf. Bodnár, 2005; Charles, 2012; Baghdassarian, 2019; Judson, 2019).

³⁵ “for since the nature of such a kind cannot be eternal [...]”.

³⁶ “[...] the nature of each member of the kind cannot be eternal, not that the ‘global’ kind-nature cannot be”.

³⁷ “this is the sort of principle of each of them which nature—that is, the nature of each of them—is”.

imóvel é um bem e um objeto de desejo”³⁸ (Comentário da *Metafísica*, L. XII, lição 12, § 2627, tradução própria). Tomás observa que Aristóteles levanta a questão de como a natureza do todo possui o bom e o melhor em função das considerações prévias, no livro Λ, sobre o primeiro motor imóvel causar movimento como algo bom e desejável. Assim, na medida em que o bem é um objetivo ou fim de algo, ele poderia se dar de modo duplo: o bem poderia ser extrínseco ou intrínseco.

O comentário de Tomás aparentemente sugere que o primeiro motor imóvel atua como um fim extrínseco a todas as coisas. Isso, no entanto, não parece excluir a consideração de que haja, também, um fim intrínseco à natureza do todo. O primeiro motor imóvel seria um bem separado, isto é, um fim ou bem desejável do qual dependem o céu e o todo da natureza, mas é o fato de todas as coisas terem o primeiro motor imóvel como fim que parece garantir que a natureza do todo possua um bem intrínseco: “e, uma vez que todas as coisas que têm um fim devem concordar em sua ordenação a esse fim, alguma ordem deve ser encontrada nas partes do universo; e, assim, o universo tem tanto um bem separado quanto um bem de ordem”³⁹ (Comentário da *Metafísica*, L. XII, lição 12, § 2629, tradução própria).

O que pode evidenciar mais diretamente que Tomás interpretou o texto aristotélico como indicando uma teleologia extrínseca é seu comentário ao trecho da passagem 1075a16-25. Para Tomás, o que Aristóteles estaria fazendo nesse trecho é mostrar de que modo as diferentes partes contribuem para a ordem do universo. Tomás considera que há afinidade e relação entre as distintas coisas do universo porque “[...] plantas existem em vista dos animais, e animais em vista dos seres humanos”⁴⁰ (Comentário da *Metafísica*, L. XII, lição 12, § 2632, tradução própria). Além disso, a relação entre todas as coisas seria evidente pelo fato de todas elas estarem coordenadas em relação a um fim.

Nesse ponto, cabe destacar dois aspectos. O primeiro deles é que Tomás parece ler o texto de Aristóteles de uma maneira semelhante a Sedley, que, como observado, concebe o ser humano como o beneficiário da cadeia alimentar. Quando Tomás afirma que as plantas existem em vista ou por causa dos animais, e que os animais existem em vista ou por causa dos seres humanos, não há indicação de

³⁸ “[...] to investigate how the first mover is a good and an object of desire”. Neste artigo, todas as citações do Comentário da *Metafísica* são da tradução inglesa de John P. Rowan.

³⁹ “And since all things having one end must agree in their ordination to that end, some order must be found in the parts of the universe; and so the universe has both a separate good and a good of order”.

⁴⁰ “[...] plants exist for the sake of animals, and animals for the sake of men”.

que ele esteja entendendo tal relação sob a perspectiva do ser que se beneficia de outro – o que estaria em consonância com a leitura de Judson (2005)⁴¹ –, mas sim sob a perspectiva de que é da natureza de plantas e animais existirem por causa dos seres humanos. Isso fica evidente, mais do que pelo comentário de Tomás ao texto de *Metafísica* Λ 10, pelo seu comentário ao texto de *Política* I 8, no qual, como visto, Aristóteles considera que plantas existem em vista dos animais e que animais existem em vista dos seres humanos. Ao comentar o texto da *Política*, Tomás afirma que “[...] é evidente que a natureza fez os animais e as plantas para o sustento dos seres humanos”⁴² (Comentário da *Política*, L. I, c. 6, § 8, tradução própria). Além disso, após ressaltar que se trata de um processo de aquisição natural quando alguém adquire aquilo que a natureza fez para suas necessidades, e que ainda que parte disso envolva tomar despojos, Tomás afirma que é necessário fazer isso em relação aos animais, “[...] que são por natureza sujeitos aos seres humanos”⁴³ (Comentário da *Política*, L. I, c. 6, § 8, tradução própria).

O segundo aspecto a destacar é o fato de Tomás afirmar que há relação entre as coisas por todas elas estarem coordenadas em relação a um fim. A questão é se, aqui, Tomás estaria pensando no fim que é peculiar a cada entidade – e que é alcançado graças a inclinação natural implantada em cada uma pela primeira inteligência (cf. Comentário da *Metafísica*, L. XII, lição 12, § 2634) – ou se ele teria em mente o primeiro motor imóvel, do qual os céus e o todo da natureza dependem como seu fim. Apesar da possível ambiguidade, Tomás concebe o deus aristotélico como o fim dos céus e do todo da natureza (cf. comentário da *Metafísica*, L. XII, lição 12, § 2629), de modo que a segunda alternativa não deve ser descartada.

O comentário relacionado à analogia do exército parece favorecer esta segunda alternativa. Com efeito, Tomás considera que, do mesmo modo que o bem do exército reside em maior grau no general – visto que a bondade de um fim teria precedência sobre a bondade que existe em vista desse fim –, e que é em vista de alcançar o bem do comandante (sua vontade de obter a vitória) que a ordem do exército existe (cf. Comentário da *Metafísica*, L. XII, lição 12, § 2630), assim também, no caso do universo, o primeiro motor imóvel seria um bem maior do que a ordem existente no universo, “pois toda a ordem do universo existe em vista do primeiro motor imóvel na medida em que as coisas contidas na mente

⁴¹ Cf. a segunda seção deste artigo.

⁴² “[...] it is clear that nature made animals and plants for the sustenance of human beings”. Neste artigo, todas as citações do Comentário da *Política* são da tradução inglesa de Richard J. Regan.

⁴³ “[...] which are by nature subject to human beings”.

e na vontade do primeiro motor imóvel são realizadas no universo ordenado”⁴⁴ (Comentário da *Metafísica*, L. XII, lição 12, § 2631, tradução própria).

Este último ponto evidencia um aspecto da interpretação de Tomás que não parece fiel à concepção aristotélica. Como observado, Steenberghen considera que Tomás leu no texto de *Metafísica* Λ 10 uma concepção da providência que não corresponde ao pensamento de Aristóteles. Além do fato de Tomás ter visto na última frase do livro Λ ⁴⁵ o que seria uma “[...] afirmação expressa da providência universal de Deus”⁴⁶ (Steenberghen, 1980, p. 272, tradução própria), outros elementos de seu comentário evidenciam o papel providencial do primeiro motor imóvel – como a ordem do universo ser decorrente da implantação (*déploiement*) do plano presente na inteligência e vontade do primeiro motor imóvel, bem como o fato de os seres naturais receberem dessa primeira inteligência a inclinação para agir em vista de um fim.

Esses aspectos notados por Steenberghen ficam também evidentes quando Tomás considera o paralelo que há entre a analogia da casa e o universo. O chefe da família, na analogia, é o princípio de cada uma das coisas ordenadas na casa. É a lei ou preceito do chefe da família que impõe a ordenação. No caso da ordenação do universo, é a natureza das coisas físicas que atua como princípio pelo qual elas realizam as atividades que lhe são próprias. Tomás observa que, do mesmo modo que os membros que constituem a casa agem pelo preceito do chefe da família, assim também os seres naturais agem por suas próprias naturezas. E, aqui, um dos pontos fundamentais é o modo como Tomás concebe o princípio por trás da natureza de cada ser natural:

Ora, a natureza de cada coisa é um tipo de inclinação implantada nela pelo primeiro motor imóvel, que a direciona para seu fim apropriado; e disso fica claro que os seres naturais agem em vista de um fim mesmo que eles não conheçam esse fim, porque eles adquirem a sua inclinação para o seu fim a partir da primeira inteligência⁴⁷ (Comentário da *Metafísica*, L. XII, lição 12, § 2634, tradução própria).

⁴⁴ “For the whole order of the universe exists for the sake of the first mover inasmuch as the things contained in the mind and will of the first mover are realized in the ordered universe”. Cabe observar que, a esse argumento, Tomás introduz ainda outra premissa, que diz respeito ao caráter formal das coisas que existem em vista de um fim ser derivado do fim em questão.

⁴⁵ “Muitos chefes não é uma coisa boa: que haja um só chefe” (1076a4, tradução de Lucas Angioni).

⁴⁶ “[...] l’affirmation expresse de la providence universelle de Dieu”.

⁴⁷ “Now the nature of each thing is a kind of inclination implanted in it by the first mover,

Esse trecho do comentário de Tomás de Aquino ressalta, sobretudo, a inspiração do texto aristotélico para a quinta via. Na interpretação tomista, o primeiro motor imóvel é o responsável por implantar nos seres naturais a inclinação que eles possuem para seus respectivos fins, mesmo que não conheçam o fim. Esse é o caso do exemplo ilustrado pela flecha e o arqueiro na quinta via. Assim como, nesse exemplo, para alcançar o fim, a flecha necessita do arqueiro – que cumpre o papel da inteligência responsável por direcionar a flecha ao fim –, também no caso de todas as coisas naturais, que são direcionadas a um fim, faz-se necessário uma inteligência que as direcione ao fim, e tal inteligência corresponde a Deus.

5 Conclusão

As considerações aqui apresentadas sugerem que Tomás de Aquino tenha interpretado a teleologia aristotélica, em certa medida, sob a perspectiva de uma finalidade extrínseca. Isso parece ocorrer, em primeiro lugar, e em um âmbito mais elementar, em coisas ou processos como a chuva. A partir do comentário ao texto aristotélico de *Física* II 8, Tomás parece dar indícios de que a chuva possui uma finalidade que lhe é extrínseca, a saber, a conservação das coisas corruptíveis. Em segundo lugar, e a partir do âmbito de organismos complexos, Tomás também concebe a teleologia aristotélica como extrínseca ao comentar o texto de *Metafísica* Λ 10 e afirmar que, na relação existente entre as coisas do mundo, plantas são em vista dos animais e animais são em vista dos seres humanos. Tal perspectiva, como foi possível observar, na medida em que entende que é da natureza de seres como plantas e animais serem em vista dos seres humanos, pode favorecer uma teleologia antropocêntrica, como a defendida por Sedley.

Outro aspecto a destacar é o fato de Tomás, assim como defensores da interpretação tradicional, conceber o primeiro motor imóvel aristotélico como uma causa final dos céus e da natureza. No entanto, o comentário de Tomás se distancia da literatura mais recente – e ao que Aristóteles de fato pretendeu expressar – ao destacar um papel providencial ao deus aristotélico, pois Tomás considera não apenas que aquilo que está na mente e na vontade do primeiro motor imóvel seria realizado na ordenação do universo, mas também que o primeiro motor

who directs it to its proper end; and from this it is clear that natural beings act for the sake of an end even though they do not know that end, because they acquire their inclination to their end from the first intelligence”.

imóvel seria o responsável por implantar nos seres naturais a inclinação que eles possuem para agir em vista de um fim.

Por fim, os comentários de Tomás de Aquino aos textos de Aristóteles aqui considerados reverberam na formulação da quinta via para demonstrar a existência de Deus. A relação entre os textos se revela sobretudo na necessidade que Tomás vê de que as coisas que não conhecem o fim sejam direcionadas ao fim por algo que é inteligente. Enquanto na quinta via esse algo inteligente é identificado com Deus, no comentário ao texto de *Física* II 8 o que encontramos é uma referência ao que seria problema e obra da providência, além do exemplo – que se repete na quinta via – da flecha direcionada pelo arqueiro. O comentário ao texto de *Metafísica* Λ 10 é o que parece complementar a posição de Tomás ao estabelecer que a natureza que atua como princípio nos seres naturais é uma inclinação neles implantada pela primeira inteligência – o primeiro motor imóvel.⁴⁸

Referências

ANGIONI, L. *Metafísica de Aristóteles: Livro XII. Cadernos de História e Filosofia da Ciência*, Campinas, Série 3, v. 15, n. 1, p. 201-221, 2005. Disponível em: <https://www.cle.unicamp.br/eprints/index.php/cadernos/article/view/615/493>. Acesso em: 06 jul. 2025.

AQUINAS, T. *Commentary on Aristotle's Physics*. Translated by Richard J. Blackwell, Richard J. Spath, W. Edmund Thirlkel. New Haven: Yale University Press, 1963.

AQUINAS, T. *Commentary on Aristotle's Politics*. Translated by Richard J. Regan. Indianapolis: Hackett Publishing Company Inc., 2007.

AQUINAS, T. *Commentary on the Metaphysics*. Translated by John P. Rowan. Chicago: Henry Regnery Company, 1961.

⁴⁸ Este texto foi produzido durante o período em que fui pesquisador visitante e pós-doutorando na Universidade Federal de Goiás (UFG), com financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás (FAPEG). Uma versão anterior deste texto foi apresentada no âmbito do “Seminário sobre as provas da existência de Deus”, organizado pelo NEAM (Faculdade de Letras da UFMG) e pela Pós-Graduação em Filosofia da UFPR. Agradeço aos professores Maurizio Filippo Di Silva e Bernardo Guadalupe Lins Brandão pelo convite para essa apresentação. Agradeço também à Priscilla Tesch Spinelli, pelo auxílio com a bibliografia, e ao amigo Pedro Konzen Capra.

AQUINO, T. *Suma Teológica*. Volume I: I Parte – Questões 1-43. Tradução organizada por Pe. Gabriel C. Galache e Pe. Fidel García Rodríguez. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2009.

ARISTOTE. *Métaphysique*: Livre Lambda. Introduit, traduit et commenté par Fabienne Baghdassarian. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 2019.

ARISTÓTELES. *Física I-II*. Prefácio, introdução, tradução e comentários de Lucas Angioni. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.

ARISTOTELIS. *Metaphysica*. Greek Language Edition edited by W. Jaeger. Oxford: Clarendon Press, 1957.

ARISTOTLE. *Aristotle's De Motu Animalium*: Text with Translation, Commentary, and Interpretative Essays by M. C. Nussbaum. Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 1978.

ARISTOTLE. *Aristotle's Metaphysics*: A revised text with introduction and commentary by W. D. Ross. Oxford: Clarendon Press, 1924a. v. I.

ARISTOTLE. *Aristotle's Metaphysics*: A revised text with introduction and commentary by W. D. Ross. Oxford: Clarendon Press, 1924b. v. II.

ARISTOTLE. *Aristotle's Physics*: A revised text with introduction and commentary by W. D. Ross. Oxford: Clarendon Press, 1936.

ARISTOTLE. *De Anima*. Translated with an Introduction and Commentary by C. Shields. Oxford: Clarendon Press, 2016.

ARISTOTLE. *De Partibus Animalium I and De Generatione Animalium I (with passages from II. 1-3)*. Translated with notes by D. M. Balme. Oxford: Clarendon Press, 1972.

ARISTOTLE. *Metaphysics*: Book Λ . Translated with an Introduction and Commentary by L. Judson. Oxford: Clarendon Press, 2019.

ARISTOTLE. *On the Parts of Animals I-IV*. Translation and Commentary by J. Lennox. Oxford: Oxford University Press, 2001a.

ARISTOTLE. *Physics*: Books I and II. Translated with Introduction, Commentary, Note on Recent Work and Revised Bibliography by W. Charlton. Oxford: Clarendon Press, 1992.

BALME, D. M. Teleology and Necessity. In: GOTTHELF, A.; LENNOX, J. G. (Eds.). *Philosophical Issues in Aristotle's Biology*. New York: Cambridge University Press, 1987. p. 275-286.

BERTI, E. A causalidade do motor imóvel segundo Aristóteles. In: BERTI, E. *Novos Estudos Aristotélicos II: Física, antropologia e metafísica*. Tradução de Silvana Cobucci Leite, Cecília Camargo Bartalotti e Élcio de Gusmão Verçosa Filho. São Paulo: Edições Loyola, 2011a. p. 537-556.

BERTI, E. O debate contemporâneo sobre a assim chamada “teologia” de Aristóteles. In: BERTI, E. *Novos Estudos Aristotélicos II: Física, antropologia e metafísica*. Tradução de Silvana Cobucci Leite, Cecília Camargo Bartalotti e Élcio de Gusmão Verçosa Filho. São Paulo: Edições Loyola, 2011b. p. 579-593.

BODNÁR, I. Teleology Across Natures. *Rhizai: A Journal for Ancient Philosophy and Science*, Bowling Green, vol. II, n. 1, p. 9-29, 2005. Disponível em: <https://www.ceeol.com/search/article-detail?id=214725>“"”. Acesso em: 08 jul. 2025.

CHARLES, D. Teleological Causation. In: SHIELDS, C. (Ed.). *The Oxford Handbook of Aristotle*. New York: Oxford University Press, 2012. p. 227-266.

CODE, A. The Priority of Final Causes over Efficient Causes in Aristotle’s PA. In: KULLMANN, W.; FOLLINGER, S. (Eds.). *Aristotelische Biologie: Intentionen, Methoden, Ergebnisse*. Stuttgart: Steiner, 1997. p. 127-43.

COOPER, J. M. Aristotle on Natural Teleology. In: SCHOFIELD, M.; NUSSBAUM, M. C. (Eds.). *Language and Logos: Studies in Ancient Greek Philosophy*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982. p. 197-222.

DAVIES, B. *Thomas Aquinas’s Summa Theologiae: A guide and commentary*. New York: Oxford University Press, 2014.

FESER, E. Between Aristotle and William Paley: Aquinas’s Fifth Way. *Nova et Vetera*, v. 11, n. 3, p. 707-749, 2013. Disponível em: <https://archive.stpaulcenter.com/08-nv-11-3-feser/>. Acesso em: 20 abr. 2025.

FURLEY, D. J. The Rainfall Example in *Physics* II 8. In: GOTTHELF, A. (Ed.). *Aristotle on Nature and Living Things*. Pittsburgh: Mathesis Publications Inc., 1985. p. 177-182.

GOTTHELF, A. Aristotle’s Conception of Final Causality. In: GOTTHELF, A.; LENNOX, J. G. (Eds.). *Philosophical Issues in Aristotle’s Biology*. New York: Cambridge University Press, 1987. p. 204-242.

GOTTHELF, A. *Teleology, First Principles, and Scientific Method in Aristotle’s Biology*. Oxford: Oxford University Press, 2012.

- HENRY, D. Aristotle on the cosmological significance of biological generation. In: EBREY, D. (Ed.). *Theory and Practice in Aristotle's Natural Science*. UK: Cambridge University Press, 2015. p. 100-118.
- HORN, C. The Unity of the World-order According to *Metaphysics* Λ 10. In: HORN, C. (Ed.). *Aristotle's Metaphysics Lambda: New Essays*. Berlin: De Gruyter, 2016. p. 269-293.
- JOHNSON, J. Nature does nothing in vain: Reexamining Aquinas's Fifth Way. *The Thomist*, v. 87, n. 1, p. 43-86, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1353/tho.2023.0001>. Acesso em: 10 jun. 2025.
- JOHNSON, M. R. *Aristotle on Teleology*. New York: Oxford University Press, 2005.
- JUDSON, L. Aristotelian Teleology. In: SEDLEY, D. (Ed.). *Oxford Studies in Ancient Philosophy*. New York: Oxford University Press, 2005. p. 341-366. v. XXIX.
- KEER, G. Design arguments and Aquinas's Fifth Way. *The Thomist*, v. 82, n. 3, p. 447-471, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1353/tho.2018.0026>. Acesso em: 14 jun. 2025.
- LAKS, A. *Metaphysics* Λ 7. In: FREDE, M.; CHARLES, D. (Eds.). *Aristotle's Metaphysics Lambda: Symposium Aristotelicum*. Oxford: Clarendon Press, 2000. p. 207-243.
- LENNOX, J. *Aristotle's Philosophy of Biology: Studies in the Origins of Life Science*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001b.
- LEUNISSEN, M. *Explanation and Teleology in Aristotle's Science of Nature*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- OLIVER, S. Aquinas and Aristotle's Teleology. *Nova et Vetera*, v. 11, n. 3, p. 849-870, 2013. Disponível em: <https://archive.stpaulcenter.com/13-nv-11-3-oliver/>. Acesso em: 02 abr. 2025.
- OWENS, J. Aquinas and the Five Ways. *The Monist*, v. 58, n. 1, p. 16-35, 1974. Disponível em: <https://doi.org/10.5840/monist19745815>. Acesso em: 06 abr. 2025.
- RIBEIRO, R. M. S. *A quinta via de Tomás de Aquino*. 2017. 106f. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.
- ROSS, A. The Causality of the Prime Mover in *Metaphysics* Λ . In: Horn, C. (Ed.). *Aristotle's Metaphysics Lambda – New Essays*. Berlin: De Gruyter, 2016. p. 207-227.
- SALIS, R. La causalidad del motor inmóvil según Pseudo-Alejandro. *Estudios de*

Filosofia, n. 40, p. 199-221, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.17533/udea.ef.11622>. Acesso em: 16 jun. 2025.

SCHARLE, M. Elemental Teleology in Aristotle's Physics 2. 8. In: SEDLEY, D. *Oxford Studies in Ancient Philosophy*. New York: Oxford University Press, 2008. p. 147-183. v. XXXIV.

SEDLEY, D. Is Aristotle's Teleology Anthropocentric? *Phronesis*, Vol. 36, No. 2, p. 179-196, 1991. Disponível em: <https://doi.org/10.1163/156852891321052778>. Acesso em: 03 mar. 2025.

SEDLEY, D. Metaphysics Λ 10. In: FREDE, M.; CHARLES, D. (Eds.). *Aristotle's Metaphysics Lambda: Symposium Aristotelicum*. Oxford: Clarendon Press, 2000. p. 327-350.

STEENBERGHEN, F. *Le problème de l'existence de Dieu dans les écrits de S. Thomas d'Aquin*. Louvain-la-Neuve: Éditions de l'Institut Supérieur de Philosophie, 1980.

STORCK, A. C. "Deus autem et natura nihil frustra faciunt". Notas sobre a Teleologia nos Comentários de Tomás de Aquino a Aristóteles. *Cadernos de História e Filosofia da Ciência*, Campinas, Série 3, v. 16, n. 1, p. 59-83, 2006.

Data de recebimento: 29/10/2025.

Data de aprovação: 11/11/2025.